

ÉTICA ANIMAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM *BICHO*, DE CAETANO VELOSO

Diego Luiz Müller Fascina (UEM)¹
Evely Vânia Libanori (UEM)²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o disco *Bicho*, de Caetano Veloso, lançado em 1977, sob o prisma da *Ética Animal*, de Peter Singer (2004) e de Sônia Felipe (2007). Iniciaremos com um breve olhar sobre o estilo do autor para, na sequência, analisarmos o conceito do álbum, apresentando a postura ética que abarca desde as informações contidas no encarte do disco até a temática das letras. Deter-nos-emos, sobretudo, nas canções “O leãozinho” e “Tigresa”, no intuito de discutir a construção de identidades dos seres narrados, que se dá por meio da mistura homogênea entre bicho e gente.

Palavras-chave: Caetano Veloso; *Bicho*; construção de identidades; ética animal.

Considerações iniciais

Caetano Veloso é, reconhecidamente, um dos pilares da moderna música brasileira. Desde 1967, data de seu surgimento profissional com o lançamento do disco *Domingo*, em parceria com Gal Costa, o baiano de Santo Amaro da Purificação vem norteando, com seu estilo muito ambicioso, boa parte do que ouvimos até hoje. Por meio de sua poesia quase sempre elíptica, antinarrativa e de uma carreira com pontos de adensamento e ruptura, Veloso arquiteta traços muito peculiares na comunhão de música e letra, que vão desenhando, no decorrer dos anos,

¹ Doutorando em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: diegomullerfascina@hotmail.com.

² Doutora em Letras. Docente do DLE/PLE da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: lieveorama@gmail.com.

possibilidades imprevistas de encontros entre a Bossa Nova de João Gilberto, seu mestre mor, e a cultura do rock, sobretudo a dos Beatles, culminando na Jovem Guarda, de Roberto Carlos. Guilherme Wisnik (2005: 98-99) avalia o estilo de Veloso:

Mas não é só isso. Também é possível falar em uma predisposição à verve excessiva, inestancável (da prosódia barroca baiana), afiada pela incorporação criativa da imperfeição e do inacabamento (do rock, de Bob Dylan), e temperada, mais uma vez, pela economia minimalista da bossa nova. No entanto, a impressionante força empática de sua obra vai muito além da capacidade de estabelecer essas pontes. Ela está, antes, na habilidade de construir unidades novas e poderosamente orgânicas a partir desses estímulos, com uma fluência poucas vezes vista na MPB.

Além dessas características muito peculiares, com o lançamento de *Verdade Tropical*, em 1997, Caetano, ao modo de Gilberto Freyre, Antonio Candido e Sérgio Buarque de Hollanda, insere-se na linhagem dos intérpretes da “formação brasileira”, neste caso, na área da música popular brasileira e sua relação com o *show business*. Através de uma abordagem marxista, o cantor discorre sobre períodos que considera decisivos em sua vida pessoal e profissional: a infância e a adolescência em Santo Amaro, o primeiro casamento, a formação do núcleo baiano (com Gal, Gil e Bethânia), o contato com Chico Buarque, a prisão em 1969 e o exílio em Londres. Caetano aborda a música popular, sobretudo o Tropicalismo, movimento liderado por ele e por Gilberto Gil, além de discutir outros movimentos musicais (como a Bossa Nova e a Jovem Guarda) e a maneira como foi inspirado por eles. Reflete, ainda, sobre questões pontuais das décadas de 1960 e 1970, tais como as drogas, a sexualidade, a ditadura, as influências estrangeiras em nossa música, e a presença do antropofagismo oswaldiano no cerne da Tropicália. Ademais, ele elenca, com muita substância, o fermento teórico que sedimentou sua obra, a citar: a ficção de Clarice Lispector, o cinema de Federico Fellini e Jean-Luc Godard, as leituras filosóficas, a poesia concreta, dentre outros, o que possibilitou novas aberturas analíticas para seus estudiosos.

O objetivo deste estudo é mostrar o pensamento ético em relação aos animais e à construção de identidades no disco *Bicho* (1977). Após o comentário a respeito do estilo de Veloso, faremos um conciso tratamento teórico para, na sequência, apontarmos questões éticas presentes no encarte do disco, por meio de fotos e aquarelas desenhadas pelo cantor. Atentaremos, ainda, para a cuidadosa disposição das faixas do álbum, cuja sequência forma uma unidade, e para a discussão dos temas que exaltam o não humano e que o nivelam à categoria humana. A parte analítica se concentra na leitura de “Tigresa” e “O leãozinho”, exaltando a questão identitária e o comprometimento ético do autor na construção de um álbum que, de certo modo, torna-se precursor na discussão aqui proposta.

Ética Animal e Especismo

Para fins de conceituação, Ética Animal é o ramo da Filosofia preocupado em teorizar as relações entre os seres humanos e os animais tendo como ponto de partida uma perspectiva ética, isto é, a que leva em consideração todos aqueles que serão atingidos pelas ações humanas, no caso, os animais. A Ética Animal engloba uma série de saberes, cujo intuito é modificar a maneira como nos relacionamos com os animais. Alguns desses saberes são: direitos animais, lei animal, construção de identidade humana e animal - a qual será pensada no momento analítico - e especismo, que receberá atenção a seguir.

A relação que o ser humano mantém com o animal não humano nos dias de hoje advém do século XVII e da visão cartesiana do universo. Descartes (1999) afirma que o universo poderia ser explicado de acordo com leis mecânicas já estabelecidas e comparou os animais não humanos a máquinas, nulos de quaisquer tipos de sensibilidade ou sentimento, tais como relógios, ou seja, máquinas perfeitas criadas por Deus, as quais o ser humano jamais poderia copiar.

Para o filósofo, o abismo que separa humanos e animais reside na inteligência, na racionalidade e na presença da alma, atributos presentes no ser humano. Tal equívoco vem se perpetuando em nossa cultura e causando muita dor e sofrimento para os animais. O pensamento cristão concorda com a prática exploratória ao afirmar que o homem tem o direito divino de usar os animais como bem entender. De um modo geral:

[...] o descaso da ciência, da Igreja e das pessoas para com os animais fez com que eles fossem transformados em comida, vestimenta, alimentação, diversão, companhia, objeto de trabalho. Assim, a sociedade ocidental considerou e considera moral o uso instrumental dos animais para atendimento dos interesses humanos. A vida animal é tida como posse, coisa com a qual se pode fazer o que quiser. Os animais são considerados em sua serventia para o ser humano. O animal é usado, sangrado, torturado todos os dias, e as pessoas não tem incômodo moral por fazer isso. Uma vez que ele não é parte da comunidade humana, o seu interesse não é priorizado, ainda que seja o de não sofrer (Libanori; Jardim 2015: 192).

A supremacia humana transformou nossa cultura em especista, isto é, o humano pensa ter o direito e domínio sobre a vida das outras espécies pelo simples fato de ser humano. Esse especismo é eletivo: há animais para serem estimados e há outros que passam a vida sendo explorados. No mundo ocidental, por exemplo, gatos e cachorros são eleitos como animais de estimação, mas na China eles são apenas massa alimentar. Na Índia, a vaca é um animal sagrado, passeia livremente nas ruas sem que as pessoas a molestem, em compensação o boi é comido. No Brasil, vacas, bois, porcos, galinhas e, ultimamente, cavalos são parte do cardápio humano. Na base desse pensamento está a dominação, a lei do mais forte e a argumentação de que o humano 'precisa se alimentar da proteína animal' ou de que 'está escrito na Bíblia'.

Esse painel antiético sofreu uma alteração em 1975, com a publicação de *Libertação animal*, de Peter Singer. Tal filósofo desmantelou a posição cartesiana ao discutir, nesta obra, a capacidade de sofrimento dos animais e afirmar que a posse da razão é irrelevante quando a questão é sofrimento físico. Segundo Singer (2004: 9), os animais, como os humanos, também apreciam a vida e fogem do medo e da morte e é categórico ao dizer que “se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para nos recusarmos a levar em conta esse sofrimento”.

Sônia Felipe (2007) é quem introduz essas discussões no meio acadêmico. Em *Ética e experimentação animal*, ela problematiza: “pode um ser vivo, dotado de liberdade, ser objeto de propriedade de outro, ainda que ambos pertençam a espécies distintas?” (2007: 27). A partir dessa questão, a filósofa sistematiza sua teoria a respeito de Ética Animal, partindo de uma revisão histórico-filosófica (contemplando também a ciência, o direito e a religião) que discute os empecilhos, conquistas e avanços da libertação animal, centrando-se, especialmente, no debate a respeito da dor, do sofrimento, da objetificação e da utilização dos não humanos para os mais variados fins (indústria farmacêutica e alimentícia, cosmetologia, eventos culturais que promovem a humilhação e degradação dos mesmos). Felipe (2007) encerra fazendo um pedido aos cientistas que agora iniciam suas carreiras: que se desvinculem da prática tradicional de uso e abuso dos bichos e descubram alternativas que minimizem o sofrimento humano, sem destruir a vida e o bem-estar dos não humanos. A filósofa defende radicalmente a concepção ética norteada por um único princípio que atenda a uma só vez e de maneira igualitária os interesses mais relevantes de seres humanos e de animais, sem divergências morais que contemplem suas diferenças biológicas.

***Bicho*: a Ética Animal além das canções**

A obra de Caetano Veloso assumiu, desde o início, uma postura de vanguarda, por tal motivo não nos surpreende encontrar em sua vasta publicação o disco *Bicho*, lançado em 1977. A gênese do álbum está em uma viagem à Nigéria, em companhia de Gilberto Gil, durante a qual Veloso teve contato imediato com a *juju music*, a música pop da África. Em uma mescla de tambor e guitarra, metais e eletricidade, esse estilo que dominaria o mundo dez anos depois esteve presente na estruturação de *Bicho*. O estilo musical em questão e os temas africanos entram em consonância com a temática central: a presença dos animais não humanos, sua relação estreita com os humanos e com o espaço circundante. Esse estilo, juntamente com os valores africanos, serve para criar uma atmosfera de ataque à ditadura, por meio de letras que apontam para a felicidade, descontração, sensualidade e união, afastando a sombra do regime militar que tolhia quaisquer movimentos artísticos.

No momento de seu lançamento, o álbum teve uma recepção controversa: a parte instrumental, até então desconhecida por aqui, não soou bem aos ouvidos dos brasileiros, contudo, hoje, o disco se assemelha a uma coletânea, em função da quantidade de sucessos: pelo menos cinco, de nove faixas, foram, no decorrer dos

anos, executadas em rádios e caíram no gosto popular. São elas: “Odara”³, “Gente”, “Um índio”, “Tigresa” e “O leãozinho”. “Odara” funciona como mote do álbum ao propor a seguinte questão: “deixa eu cantar/ pro meu corpo ficar odara/ minha cuca ficar odara/ pra ficar tudo joia rara”. A canção “Gente”, por sua vez, através de uma dupla abordagem, a existencial e a política, discute os anseios e angústias do Ser e os problemas sociais que sempre assolaram nosso país e é resumida na frase-síntese: “gente é pra brilhar/ não pra morrer de fome”. A faixa “Um índio” apresenta um ser metaforizado, performático, reconfigurado e a canção transmite, nos versos finais, uma lição de moral: “e aquilo que nesse momento se revelará aos povos/ surpreenderá a todos não por ser exótico/ mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto/ quando terá sido o óbvio”. Por fim, as canções “Tigresa” e “O leãozinho”, bastante conhecidas, compõem os *corpora central* de nossa discussão e por isso serão analisadas com rigor, posteriormente.

Todo o *incipit* do álbum converge para a Ética Animal. Se nos atentarmos para a capa do disco, veremos uma borboleta colorida desenhada por Caetano: ‘voando’ em um fundo branco, essa borboleta possui do lado direito as cores violeta e azul e do lado esquerdo as cores verde e amarelo. As asas remetem, de um lado, ao sol e, do outro, à lua. Há uma canção no disco que se chama “A grande borboleta”, a qual descreve o desenho da capa ou vice-versa: “A grande borboleta/ Leve numa asa a lua/ E o sol na outra/ E entre as duas a seta/ A grande borboleta/ Seja completa-/ Mentalmente solta”. Além de descrever analogicamente a beleza da borboleta e a dualidade do dia e da noite, metaforicamente, o inseto significa a liberdade desejada naquele período conturbado de ditadura militar. A ambiguidade do termo “completa-/ Mentalmente solta”, refere-se também à necessidade de uma nova mentalidade que substituísse urgentemente aquela imposta pela ordem vigente. Há ainda, na capa, o nome do disco em letras garrafais e uma barra separando o nome do cantor em sua assinatura original. Possível leitura: Bicho e Caetano se fundem, no mínimo dialogam, funcionando como complemento da mesma questão. Não nos esqueçamos de outra leitura plausível: “bicho” é gíria da cultura hippie, comumente utilizada na década em que o disco se insere.

Em relação à contracapa, há uma foto *close-up* do cantor, com uma farta cabeleira, que o marcou nos anos 1970. Com o semblante sério, a pele dourada e o olhar fixo, Caetano se assemelha a um felino. No encarte, onde há as letras das músicas, há também desenhos para todas as letras, feitos pelo autor. Abusando de cores fortes, de traços marcantes, Caetano opta pela técnica da aquarela e ilustra as canções: “Odara” e “Gente” recebem desenhos de pentagramas, os quais, dentre seus múltiplos significados, é para a mitologia a representação do ser humano. Essa interpretação é bem-vinda para a análise, pois ambas as canções exaltam a grandiosidade do Ser, a urgência de certos comportamentos e questões políticas para o bem-estar da sociedade. O ser humano é uma estrela, “reflexo do esplendor” e a vida, “um doce mistério”, como aponta os versos de “Gente”.

“Olha o menino”, de Jorge Ben (única letra do álbum que não pertence a Caetano), recebe o desenho de uma criança, que possui o aspecto de um iluminado -

³ Odara, palavra de origem africana, significa, de maneira simplista, tornar algo legal, agradável, leve e dançante.

cuja testa amarela remete à sabedoria, à intuição, à confiança - e o *tilak*, terceiro olho, pintado em vermelho no meio da testa, ponto importante de energia, advém da cultura indiana e significa a força espiritual concentrada. Os versos de surpresa e adoração endossam a figura importante desse menino: “Olha o menino, ui/ Olha o menino, ui, ui, ui/ Eu só quero que Deus me ajude/ E o menino, muito mais, também”.

“Two naira fifty kobo” refere-se ao valor que um dos motoristas responsáveis pelo transporte da delegação brasileira em um festival africano de música cobrava pelos serviços prestados. Em suas horas vagas, ele punha a música dançante africana e Caetano, ao vê-lo dançar, remeteu-se aos baianos e sua cultura: “O certo é ser gente linda e dançar/ dançar, dançar/ o certo é fazendo música/ A força vem dessa pedra que canta/ Itapoã”. O motorista é representado pelo desenho de um homem alto, negro, com vestes carnavalescas e posição dançante, tal qual um pierrô.

A canção “Um índio” é representada por uma galáxia colorida, cujo epicentro é dourado e faz jus à grandiosidade imagética construída pelo autor na letra. O índio, que descerá de uma estrela colorida e brilhante e pousará na América, coração do hemisfério sul, em um momento utópico ainda desconhecido por nós, é descrito como mais ágil que o lutador Muhammad Ali, mais apaixonado que Peri, personagem de *O Guarani* (1857), de José de Alencar, detalhista e certeiro como o artista marcial Bruce Lee e possuidor da aura dos Filhos de Gandhi, bloco de cultura negra que sai às ruas no carnaval da Bahia. Construído de maneira sinestésica, esse índio é transcendental e é ao mesmo tempo “o bom selvagem” dos árcades e românticos, é o índio que luta pela demarcação territorial e, tempos depois, é o mesmo que surge na cena política. Acima de tudo, o índio é uma síntese da poderosa mistura de raças do Brasil, representando, dessa forma, todo o povo brasileiro. Essa é uma canção profética, mas possui os pés fincados na realidade, pois com o “surgimento” do índio, “aquilo que nesse momento se revelará aos povos/ surpreenderá a todos não por ser exótico/ mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto/ quanto terá sido o óbvio”.

As já citadas “A grande borboleta”, “Tigresa” e “O leãozinho” são canções ilustradas com os animais descritos no título. A tigresa possui os olhos oblíquos e marcantes, tais os de Capitu, personagem de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. E os lábios são muito vermelhos, como uma típica *femme fatale* do cinema hollywoodiano. Essas informações não estão descritas na canção, de modo que o desenho ajuda a reforçar a imagem sensual que a mesma transmite. Já o leãozinho expede em seu desenho, através de uma juba enorme e amarela e olhos sem expressão, muita tranquilidade, o que contrasta com sua natureza agressiva.

Para finalizar, “Alguém cantando” possui a foto de Nicinha, irmã mais velha de Caetano. Sorrindo, com os cabelos para trás do ombro, vestindo uma blusa vermelha e tendo como fundo árvores e um pedaço de céu azul, a impressão é que a mesma se movimentava no momento do *flash*.

Há, ainda, no meio do encarte, uma foto de Caetano, sem camisa, em cima de uma grande pedra. O ângulo da foto privilegia o céu azul e, pela altura da pedra e a posição do cantor, o mesmo se assemelha a um leão, rei da floresta.

O repertório de nove canções, todas já citadas e comentadas, está fortemente entrelaçado: todas as letras se complementam bem como a sonoridade que emana

delas. Pela ordem disposta no disco temos um ciclo, pois a abertura é por conta de “Odara”, que pede permissão para cantar e dançar, sem qualificar a natureza dos dançarinos; as subseqüentes “Two naira fifty kobo”, “Gente” e “Olha o menino” centram-se em seres humanos e na própria existência, bem como em seus pontos positivos, especiais, mesmo diante das adversidades. No meio do disco, há “Um índio”, ser metamorfoseado, meio humano, meio não humano, o ser ideal, que marca o início da fusão entre bicho e gente. Depois, há “A grande borboleta” e, sobretudo, “Tigresa” e “O leãozinho”, preocupadas em elevar o não humano do nível inferior que eles culturalmente se encontram e equipararem, através de comparações, com o humano. Para fechar, “Alguém cantando” aponta para uma música boa de ouvir, mas também não esclarece a natureza da voz ou a espécie desse alguém. Do mesmo modo com as fotos, na disposição das canções, Caetano reforça a fusão dessas duas categorias e, através de sua postura ética, não sobrepõe uma a outra.

Ética Animal e construção de identidades em “O leãozinho” e “Tigresa”

Quando o disco *Bicho* foi lançado, a discussão a respeito do valor da vida dos não humanos era praticamente nula em nossa sociedade. Mais distante ainda estava a luta contra o especismo, as discussões a respeito de vivissecção e vegetarianismo, que, na atualidade, ainda não possuem a discussão merecida. Peter Singer havia publicado *Libertação animal* dois anos antes e, certamente, suas discussões não influenciaram Caetano, mas o músico mostra a sensibilidade dos abolicionistas animais na aproximação ética entre animais humanos e não humanos.

Talvez, a única artista que tenha se detido mais profundamente nessa questão em nossa cultura seja a escritora Clarice Lispector, que, por meio de uma posição quase abolicionista, sempre se preocupou em nivelar os animais não humanos com os humanos. Essa temática animalista sempre esteve presente em sua ficção, ora como alegoria, ora como símbolo de força e também na construção e fusão de identidades. Basta nos atentarmos para as vacas, em *A maçã no escuro*, que colaboram para a construção da identidade existencial do protagonista; e para a barata em *A paixão segundo G.H.*, estopim para o mergulho que a personagem faz no mais abissal de si, só para citarmos dois conhecidos exemplos na prosa romanesca da autora. Evidentemente que os bichos sempre povoaram nossa arte, mas, sob essa perspectiva, os textos de Lispector e as letras de Veloso traduzem a preocupação da teoria de Singer (2004) e Felipe (2007), que aqui é exposta em seu aspecto mais central: o de enfatizar a questão moral e o comprometimento ético com o não humano.

Atentemo-nos, com mais rigor, às canções “O leãozinho” e “Tigresa”, pois há, em ambas, uma fusão pacífica entre bicho e gente, de modo que a construção da identidade do humano/não humano, só existe por meio dessa aproximação. Ademais, a riqueza estética da música (metáforas, imagens poéticas, comparações) depende crucialmente dessa relação para acontecer.

Caetano Veloso diz que a música “O leãozinho” foi inspirada em Dadi Carvalho, contrabaixista das bandas Novos baianos e A cor do som. O cantor disse que o rapaz recebeu a homenagem por ser bonito, possuir o cabelo semelhante ao de

um leão e, também, ser do signo de Leão, como ele próprio. A melodia da música, quase infantil, acompanhada por assovios, narra a visão do eu lírico ao acompanhar um leão caminhar pelo sol e adentrar no mar. Tal visão, tão esplendorosa, é alternativa para seu coração subitamente se alegrar. O verbo gostar, conjugado no presente do indicativo, reforça a atividade feita nesse momento, além do uso do gerúndio que possibilita a permanência desse ato: “Gosto muito de te ver, leãozinho/ Caminhando sob o sol”. Assim, tal visão acontece agora, mas já fora repetida inúmeras vezes, no entanto, o deslumbre da visão é sempre inaugurador.

A cor amarela, que advém do sol e do leão, colore todo o espaço. O amarelo significa luz, calor, descontração, otimismo e alegria, características que preenchem o eu lírico. Também traz concentração e atenção no momento da visão. Curiosamente, seu excesso traz desconcentração, o que aqui não acontece apesar da visão ser expansiva.

A comparação filhote de leão com raio da manhã tonifica a cor dourada do felino e do astro e também a beleza da visão, o que nos guia para outra comparação: “arrastando o meu olhar como um ímã”, impedindo que qualquer outra visão ofusque a central. A metáfora “o meu coração é o sol” denuncia as sensações do eu lírico, que, ao se deparar com essa visão, entende que a iluminação mais intensa advém do seu íntimo. Além de caminhar sob o sol, o eu lírico se delicia com a entrada do leão no mar e, ao citar a pele, a luz e a juba do felino, notamos uma conotação sensual.

Ao dizer “quando ele lhe doura a pele ao léu”, Caetano faz referência entre “léu”, homófono de “leo”, que significa leão em latim e, no final da canção, quando o eu lírico afirma que também gosta de ficar ao sol e de estar perto do leão, o autor novamente faz outra referência, a qual se dá no verso: “de estar perto de você e entrar numa”, pois “Numa” lembra o nome do leão de Tarzan e tal citação também pode ser lida, mais simplistamente, como uma redução de entrar ‘no mar’.

Descrito de maneira sensual, mas ao mesmo tempo ingênua, Caetano Veloso coteja a visão de um leão com a de um surfista de pele bronzeada, frequentador assíduo das praias. A comparação se faz necessária, pois só através da imagem do leão e da beleza singular que lhe é comum podemos entender com mais clareza a beleza do surfista. Em outras palavras, o humano só se completa por meio do não humano. Aqui o leão possui o papel privilegiado de contribuir decisivamente para a construção da identidade do surfista, de modo que as características humanas só podem ser vistas e fazer sentido quando pensamos na beleza do felino.

Em “Tigresa”, temos a mesma situação. Caetano diz que a música é inspirada e dedicada às atrizes Zezé Motta e Sônia Braga, pois ambas possuíam características concernentes à construção da personagem. Nessa canção, a sensualidade é o elemento constituinte dos significados. Em “O leãozinho”, o felino possui conotação mais dócil e infantil e em “Tigresa”, há conotação mais madura e sexual.

Em “Tigresa”, o limite entre humano e não humano é ainda mais fundido, isto é, há mais elementos não humanos para auxiliar na identidade do humano. No primeiro verso, a tigresa é descrita com “unhas negras e íris cor de mel”, já no segundo, o eu lírico já a chama de mulher e diz: “uma beleza que me aconteceu”, ou seja, a fusão é mais tenaz.

Há uma série de adjetivos e situações que constroem a identidade desse ser. A sensualidade é marcada nos versos: “esfregando sua pele de ouro marrom/ do seu corpo contra o meu”, “os pelos dessa deusa/ tremem ao vento ateu”, “hoje dança no Frenetic Dancin Days”, “com alguns homens foi feliz/ com outros foi mulher” “espalhado muito prazer e muita dor”. O poder se expressa em: “e a tigresa possa mais do que um leão”, “as garras da felina me marcaram o coração”, “por que ela vai ser o que quis”. A dissimulação, por sua vez, é marcada em: “ela me conta, sem certeza, tudo o que viveu”, “mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar”, “mas as besteiras de menina que ela disse, não”. A inteligência, a maturidade e as múltiplas atividades estão nos versos: “me falou que o mal é bom e o bom cruel”, “que gostava de política em 1966”, “me conta que era atriz e trabalhou no Hair”. Por fim, a beleza física, já citada, encontra-se nas expressões: “unhas negras”, “íris cor de mel”, “pele de ouro marrom” e nos adjetivos “beleza” “deusa”, “felina”. A identidade, moldada a partir da união de elementos humanos e não humanos, apresenta-nos uma figura feminina muito sedutora, segura de sua personalidade, que tem consigo seus ideais e que sabe orientar sua vida a seu bel prazer.

Notamos ainda sua emancipação feminina ao se apresentar de maneira corajosa e sem pudores e ao inventar um lugar no qual espaço físico e seres convivam em plena comunhão e “a tigresa possa mais do que um leão”. Em uma leitura mais abrangente, o lugar inventado é uma sociedade igualitária, onde sejam nivelados os direitos das mulheres em relação aos dos homens e, nesse caso, onde haja uma inversão de valores da sociedade patriarcal, isto é, as mulheres assumam o poder que é tradicionalmente mantido pelos homens no decorrer do tempo.

Ao contrário de “O leãozinho”, a visão da tigresa parece ter acontecido uma vez apenas. A letra nos leva a pensar que a relação entre a mulher e o eu lírico não tenha passado de um encontro que deixou marcas indelévels para ele. Seduzido e encantado por tal, nos trechos finais da canção ele nos informa que irá ao violão para compor. A tigresa serviu de inspiração, é fonte de poesia, ou o ato de ir ao violão pode ser lido, ainda, como uma maneira de relaxar após envolvimento sexual. Outra possível leitura se dá quando o eu lírico diz: “como é bom poder tocar um instrumento”. Talvez o autor tenha usado essa expressão para afirmar que, de fato, esse acontecimento virou canção ou para se referir ao ato masturbatório, de modo que todo o encantamento com essa mulher tenha ficado apenas em sua idealização e tenha se concretizado através desse ato.

Assim, Caetano constrói a identidade de uma mulher fatal com elementos de uma felina. Por meio do andar meticuloso e sensual, do olhar penetrante e da pele de cor atraente, oriundos do animal e de alguns elementos de exclusividade humana, podemos visualizar, de fato, como é construída e como se comporta essa tigresa.

Considerações finais

Através de *Bicho*, Caetano Veloso traz à baila uma questão que ainda se faz ininteligível para uma parte maciça de nossa sociedade: todos os animais devem ser tratados com consideração ética. O design corporal de um animal não pode ser motivo para que ele seja usado pela espécie humana. A partir dessa afirmativa tão

problematizada e, muitas vezes, veemente negada, são desmembrados vários pontos que tocam na questão de uma só ética reconfigurada: a que ordene todas as decisões humanas em todos seus âmbitos. Isso inclui, evidentemente, os não humanos e o ambiente.

Em nossa leitura, Veloso aponta que somos todos seres sencientes, dotados de sensibilidade, consciência, inteligência, e deu um passo além em sua postura ética, ao propor que a fusão entre humanos e não humanos é imprescindível para pensarmos na identidade humanizada/animalizada dos seres que são cantados em suas músicas.

De maneira geral, o cantor, sempre à frente de seu tempo, constrói nesse disco um painel abolicionista, onde bicho e gente convivem pacificamente nivelados, sem fagulhas de discriminação de qualquer ordem, livrando os bichos da somatofobia e de uma posição inconsciente. Junto a isso está o espaço que os acolhe; aqui o artista louva o ser humano, mas o tira de sua posição antropocêntrica e o põe para realizar uma cara inter-relação com o não humano.

Essa conclusão proposta só foi possível por meio do enlace das canções com as considerações teóricas que foram brevemente comentadas. Tal matriz teórica permitiu que as letras de Caetano não fossem reduzidas a discussões que contemplassem apenas as figuras humanas que ali existem, condenando os bichos a uma posição alegórica. A Ética Animal dá ao disco uma posição muito contemporânea e enriquece grandemente a análise estética das letras ao apontar a mobilidade prática da ética em relação aos não humanos e ao propor uma discussão que também é muito recorrente em nossa época: a questão identitária e sua condição porosa, liquefeita e de múltiplas facetas.

POWER DEVICES AND DISCIPLINARY TECHNOLOGIES IN THE NOVEL *EM NOME DO DESEJO*, BY JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Abstract: The present paper aims to analyze the album *Bicho*, by Caetano Veloso, released in 1977, from the angle of Animal Ethics, by Peter Singer (2004) and Sônia Felipe (2007). It will begin with a brief look at the author's style in order to analyze the concept of the album, presenting the ethical stance that comprises from the information contained in the album's cover to the lyrics themes. We will focus mainly on the following songs: "O leãozinho" e "Tigresa", with the purpose of discussing the identities construction of the beings which the narrative is about, a process that takes place through the homogeneous mixture of humans and animals.

Keywords: Caetano Veloso; *Bicho*; identities construction; animal ethics.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. Discurso do método. In: *Os pensadores*. 7. ed. Trad. Jacob Guinsburg; Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1999, p. 7-30.

FELIPE, Sônia T. *Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

LIBANORI, Evely Vânia; JARDIM, Maiara Usai. *Ética animal em Clarice Lispector*. In: LIBANORI, Evely Vânia; BRAGA, Elda Firmo; DIOGO, Rita Miranda (orgs). *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da leitura, 2015.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. Trad. Marly Winckler. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2004.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Bicho*. Phillips, 1977. [reedição de 2006]

WISNIK, Guilherme. *Caetano Veloso*. São Paulo: Publifolha, 2005.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2016 E APROVADO EM 28/04/2016